

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROF. MILTON
SANTOS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES -
PROFARTES**

CARLA FABIANA FERREIRA SANTOS SILVA

**O CAMINHAR NO PROCESSO DE ENSINO DA HISTÓRIA, ARTE E
CULTURA DA PRINCESA DO SERTÃO**

**SALVADOR – BA
2020**

CARLA FABIANA FERREIRA SANTOS SILVA

**O CAMINHAR NO PROCESSO DE ENSINO DA HISTÓRIA, ARTE E
CULTURA DA PRINCESA DO SERTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de Mestrado
Profissional em Artes, como requisito para
obtenção do título de Mestre, sob a
orientação Prof.^a Dr.^a Karla Schuch Brunet.

**SALVADOR – BA
2020**

CARLA FABIANA FERREIRA SANTOS SILVA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
O CAMINHAR NO PROCESSO DE ENSINO DA HISTÓRIA, ARTE E
CULTURA DA PRINCESA DO SERTÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Carla Fabiana Ferreira Santos Silva intitulado O caminhar no processo de ensino da história, arte e cultura da Princesa do Sertão, apresentado e aprovado pela Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado Profissional em Artes.

Salvador, _____ de _____. de _____. .

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Karla Schuch Brunet
Orientadora e professora UFBA

Prof^a. Dr^a. Ana Valecia Araujo Ribeiro Brissot
Professora visitante da UFRB

Prof^a. Dr^a. Cláudia Elisiane Ferreira dos Santos
Professora visitante da UEFS

Feira de Santana, Princesa do Sertão das cidades da Bahia, não existe igual não. Feira de Santana é bela, Feira Santana é linda, Feira de Santana é princesa e muito mais ainda.

Zadir Marquez Porto, 2019

RESUMO

Esse trabalho propõe um estudo do uso do caminhar como instrumento educacional para a formação do cidadão feirense por meio de fotografias. E, para isso, apresenta alguns princípios teóricos e práticos que possibilitaram a criação de uma proposta pedagógica elaborada com alunos do Ensino Médio no Colégio da Polícia Militar – CPM Diva Portela, em Feira de Santana, na Bahia – Ba, no ano de 2019, resultado da pesquisa desenvolvida para o Programa de Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Nele foram utilizadas técnicas da metodologia ativa de ensino, que possibilitaram a “caminhada” e o seu registro por meio de fotografias e mapas retratando o desbravamento da cidade pelo olhar dos estudantes, durante as aulas de Artes. O projeto foi desenvolvido em uma turma de primeiro ano do ensino médio e teve como embasamento teórico, para a criação das suas trilhas de aprendizagem, a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e a Técnica do Painel Integrado, como forma de ensino, resgate e valorização da história, cultura e arte do município.

Palavras Chave: Arte; Caminhar; Educação; Feira de Santana; Metodologias Ativas

ABSTRACT

This work proposes a study of the use of walking as an educational tool for the formation of citizens of the city through photographs. It presents some theoretical and practical principles that enabled the creation of a pedagogical proposal developed with high school students at the Military Police College - CPM Diva Portela, in Feira de Santana, Bahia - Ba, in 2019, result of the research developed for the Professional Master's Program in Arts - ProfArtes of the Federal University of Bahia - UFBA. Techniques of the active teaching methodology were used, which enabled the "walk" and its registration through photographs and maps portraying the discovery of the city through the eyes of the students during the classes of Arts. The project was developed in a class of first year of high school and had as theoretical basis for the creation of its learning trails, the Triangular Approach of Ana Mae Barbosa and the Integrated Panel Technique, as a way of teaching, rescue and valorization of culture, art and history of the municipality.

Keywords: Active Methodology; Art; Education; Feira de Santana; Walk

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A Feira das Feiras. (Foto do Jornal Feira Hoje, 2019).....	16
Figura 2 - Visão geral da Exposição CPM. (Foto da autora, 2019).....	22
Figura 3 - Exposição CPM. (Foto da autora, 2019).....	23

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	9
2.	O CAMINHAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	11
3.	O CAMINHAR DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DA ARTE	14
4.	TRILHANDO A FEIRA DAS FEIRAS.....	15
5.	A ARTE NO CAMINHAR	17
5.1.	TRILHANDO A ARTE NOS MUSEUS E NAS RUAS	20
5.2.	UMA TRILHA COM FOTOGRAFIAS.....	21
5.3.	TRILHANDO UM NOVO CAMINHO	23
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
	REFERÊNCIAS.....	28

1. INTRODUÇÃO

Qual a importância da educação? Como, o que e quando ensinar? São alguns dos principais questionamentos feitos pelos educadores durante suas pesquisas e no seu dia a dia em sala de aula. Entretanto, quando esse educador se depara com o ensino da história e cultura, é necessário, além de passar o conhecimento teórico, transmitir ao estudante a sua importância cultural, lembrando de contextualizá-la. E, nesse ponto, a Arte é de fundamental importância, pois auxilia na contextualização do assunto e atrai a atenção do estudante. Pois, conhecer a história de um lugar, por meio da sua arte, é uma forma de preservação do seu patrimônio artístico e ajuda a fortalecer a identidade cultural do indivíduo e da cidade, proporcionando a transmissão do conhecimento a respeito de eventos que levaram à situação político-social atual na região (LÓSSIO e PEREIRA, 2007).

Tomemos como exemplo a cidade de Feira de Santana, localizada na Bahia-um importante entroncamento rodoviário brasileiro das regiões norte e nordeste- além de ser uma cidade com um dos maiores polos acadêmicos e financeiro do estado baiano, que tem como um dos seus principais meios de produção o comércio. A cidade traz a sua origem em uma região próxima a uma fazenda chamada “Olhos D’Água”, de propriedade do casal português Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandoa. Devido à abundância d’água na região próxima à fazenda, a localidade se tornou um ponto de parada para viajantes, vaqueiros e comerciantes que viajavam pela região e precisavam de mantimentos ou abrigo, em meio à seca, tornando-a, assim, o ponto de origem de uma feira e o início da trajetória do que, no futuro, seria a Princesa do Sertão, com seus prédios e esculturas as quais demonstram as mudanças da região, através das suas transformações artísticas. E nesse sentido, Gama (2019) fala que com o tempo a cidade foi se desenvolvendo e se tornou um grande polo comercial com a abertura de centros comerciais como o “Centro de Abastecimento”, fazendo com que fossem popularizadas as feiras e lojas de produtos artesanais regionais, que levam as pessoas a caminhar em busca do seu sustento e da sua cultura.

Quando Lóssio e Pereira (2007) afirmam que na globalização o “processo de homogeneização” cultural é cada vez mais frequente, e que é necessário transmitir e

valorizar a cultura local (os símbolos que a população cria e usa para se organizar e interagir, expressando as suas verdades e identidade), reafirma o valor da cultura local formada e transformada a partir da representação social da região (representação artística local).

Portanto, tendo como base essa premissa e, corroborado pelo pensamento de Ingold (2015), ao citar a educação como um instrumento de levar estudante para “caminhar” no mundo, essa pesquisa traz um estudo de referenciais teóricos para auxiliar na execução de um projeto artístico pedagógico aplicado em uma sala de aula com alunos da Rede Estadual de Ensino da Bahia, com o objetivo de auxiliar na formação cidadã dos estudantes feirenses, resgatando e valorizando a cultura, a arte e a história local e, para isso, apresenta como objetivos específicos ensinar a história da fundação da cidade de Feira de Santana, por meio do estudo da arte; demonstrar a importância do caminhar no ensino e exemplificar metodologias de ensino ativas ,que podem auxiliar no processo de “caminhada”.

Para o desenvolvimento do projeto, o mesmo foi dividido em etapas, sendo a primeira um levantamento de referenciais teóricos (livros, jornais, revistas acadêmicas, sites) que culminou na criação dessa pesquisa e a segunda, a criação e execução da proposta pedagógica, que a princípio foi denominada Andarilhos da Cultura: O caminho da história, arte e cultura da “Princesa do Sertão”, a qual, por sua vez, foi aplicada em uma turma de 33 alunos do 1º ano do Ensino Médio Regular, no segundo semestre, do Colégio da Policia Militar – CPM Diva Portela, situado à Rua Monsenhor Moisés do Couto, 2225, no bairro do Campo Limpo.

Para analisar a pertinência e justificar esse trabalho, a turma escolhida para a participação do projeto foi questionada, em um primeiro momento - durante a aula de Artes - a respeito das suas inquietações em relação à importância de conhecer e reconhecer a história do lugar no qual nascemos ou moramos, bem como as suas indagações sobre a valorização da história, da cultura, da arte, dos artistas e patrimônios locais. E foi possível constatar que poucos sabiam contar sobre sua cidade, além de entender a relação da história local, com a sua arte e seu contexto social; entretanto, ao serem instigados a respeito do tema, os mesmos apresentaram-se receptivos à proposta e nesse momento foram iniciadas as primeiras etapas do mapeamento das emoções entre os estudantes e a cidade de Feira de Santana.

Para Barbosa (1998, p. 16), “a arte capacita a pessoa a não ser um estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro no seu próprio país, inserindo o indivíduo no seu lugar de origem e, ao mesmo tempo, possibilitando o reconhecimento do outro”. Diante disso, questiona-se como preservar as manifestações culturais, a arte, a memória de uma cidade? Como fazer com que seus filhos, ou mesmo moradores, conheçam e preservem sua narrativa? Quais as atitudes poderão ser tomadas por cada um de nós para que a história de Feira de Santana, a nossa própria história, não seja demolida junto a sua arquitetura?

Logo, é nesse contexto que essa pesquisa se justifica, classificando-se, quanto à sua natureza, na forma básica e, quanto aos seus objetivos, como exploratórios, buscando apresentar o problema e discutindo a sua solução, além de utilizar uma abordagem qualitativa no estudo e interpretação parcial dos textos da literatura corrente sobre o assunto, fazendo diálogos e comparações entre os autores de livros, artigos, teses e periódicos acadêmicos (GIL, 2002). Além disso, esse estudo também apresenta em sua estrutura uma pesquisa que propõe, dentre outros aspectos, caracterizar possíveis formas de “caminhar”, como será demonstrado nas seções a seguir.

2. O CAMINHAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

No processo de caminhar existem diversos sentidos dependendo do seu contexto, pois o mesmo parte da ação de percorrer, trilhar ou andarilhar um caminho. E, nesse sentido, trilhando o caminho da arte e do conhecimento, diversos autores e filósofos podem ser citados no processo de andarilhar ou caminhar, como estímulo ao autoconhecimento: Nietzsche no caminhar com a metodologia para elaborar suas teorias sobre o homem; H. D. Thoreau fugindo da sociedade, andando na natureza e para fazer parte dela; Jean-Jacques Rousseau, que caminhou em busca de si mesmo; Rimbaud que trilhou o desejo de partir; Kant na sua busca cotidiana em andar e Gandhi em uma caminhada de quase 400km em protesto às imposições britânicas contra a extração de sal na Índia colonial (Brunet, 2018).

Ainda falando sobre o processo de trilhar, Ingold (2015) fala que o caminhar possibilita a existência de muitas formas de “andarilhar”, inclusive na educação, porque pode ser utilizado pelo educador no ensino de forma lúdica, possibilitando ao professor narrar uma história que possa envolver o seu aluno ou ao estudante, que

pode passar a andar em sua mente (sentimentos e memórias) ou passear pela história dos livros, filmes, revistas, etc. Permitindo que o mesmo possa caminhar pelo mundo fictício, descobrindo novos estímulos e conhecimentos ou então se arriscar a caminhar pelas ruas, becos e avenidas que compõem o mundo. E, nesse sentido, Solnit (2006) complementa falando que o processo de caminhar ou andarilhar foi muito utilizado pelos escritores e artistas na busca pela sua arte, seja buscando o prazer e analisando os seus sentimentos ou pela emoção da descoberta e do desbravamento, que traz o ato de caminhar, o qual, por sua vez, passou a ser uma atividade prazerosa.

Brunet (2018) explicou que atualmente, por meio do processo de caminhar, vivemos em uma sociedade urbana na qual poucos andam ou têm o acesso para caminhar por conta de percursos difíceis: desde as ruas com os transportes e até mesmo com as calçadas sem condições para o pedestre transitar, seja pelos buracos ou pela ocupação de mesas, barracas entre outros. São diversos os obstáculos presentes no trajeto de vida das pessoas e, nesse processo, a superação das dificuldades auxilia na devolução da saúde, que o homem deixou para trás quando se tornou sedentário. Nesse sentido, pelo ato de não caminhar, as pessoas não veem a arte das ruas e não podem, muitas vezes, acessar plenamente as características culturais de uma região. Pois, na ação de andarilhar, o indivíduo tem muito mais do que apenas os benefícios em relação à sua saúde, uma vez que tem, também, a possibilidade de passear pela história dos prédios, parques e esculturas que compõem a “cidade”, percebendo a arte daquele local foi sendo modificada com o tempo.

Nesse trabalho, o tema foi tratado em seu contexto educacional e nesse sentido Ingold (2015) apresenta que a palavra caminhar pode ser utilizada para criar uma narrativa que estimula o “espirito aventureiro” da busca pelo conhecimento ou a interpretação do ambiente. E, para isso, ele cita o fio de Ariadne¹ numa narrativa, que estimula o espirito aventureiro e do fantástico, na vida do transeunte, utilizando a trilha criada pelo labirinto como uma comparação com o caminho do estudante para a escola. Sendo que, ainda nesse contexto, o caminhar pode ser uma forma de ampliar a percepção de ver e, sobretudo, de criar paisagens, trabalhando

¹ A expressão em questão referencia-se ao mito grego que retrata a história da princesa de Creta Ariadne e Teseu em sua conquista do Labirinto do minotauro.

diretamente com as sensações e órgãos do sentido humano, aguçando-os a criar estímulos, trabalhando o todo, uma vez que a vivência se torna o ponto de partida para a construção da compreensão do estudante da trilha. Para essa afirmação, Solnit (2006) destaca que:

Idealmente, caminhar é um estado no qual a mente, o corpo e o mundo se alinharam, com se fossem três personagens que finalmente se põem a conversar, três notas que, de repente, formam um acorde, caminhar nos permite estar em nosso corpo e no mundo sem nos ocuparmos de um e outro. Deixa-nos livres para pensar sem nos perdermos em nossos pensamentos. (SOLNIT, 2006, p. 22)

Assim como citado por Solnit (2006), o caminhar permite ampliação dos sentidos do homem, conectando-o ao mundo ao seu redor; e, nesse aspecto, na introdução de sua obra, Dewey (2010, p. 22) afirma que “na concepção deweyana, a experiência estética não é a contemplação passiva de objetos inertes. É ativa e dinâmica, fluxo padronizado de energia – em uma palavra: é viva”. Assim, percebe-se que para a criação da arte é necessário que o indivíduo “viva” o mundo, pois é necessário o acúmulo de estímulos e dados para a formação da estesia², que se caracteriza por permitir a percepção dos sentidos do corpo. Vale destacar que Martins e Picosque (2012, p. 35) dizem que: “A estesia é como uma poética sensível do corpo que suscita a absoluta singularidade em uma experiência sensível com objetos, lugares, condições de existência, seres, comportamentos, ideias, pensamentos, conceitos.”; que se caracteriza por permitir a percepção dos sentidos do corpo.

Dessa forma, é a partir desse olhar para o andar (desde um ato cotidiano de transitar de um lugar para outro, ao ato de protestar) que o estudante ou o artista despertam para a importância de percorrer os espaços, da necessidade do movimento e, principalmente, de observar o seu entorno por diferentes ângulos e diferentes pontos de vista, criando o seu mapa afetivo³ em relação ao seu entorno.

² Capacidade de perceber as sensações e a sensibilidade humana (MARTINS; PISCOSQUE, 2012).

³ Instrumento utilizado para externalizar os sentimentos das pessoas com um território, analisando as suas impressões, sentimentos, histórias e experiências em relação a região (ROLNIK, 2011).

3. O CAMINHAR DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DA ARTE

Segundo Moran (2018, p.15), “a aprendizagem acontece num ambiente social cada vez mais complexo, dinâmico e imprevisível. ”. O mesmo também diz que a aprendizagem pode ocorrer em ambientes formais ou informais, de forma autônoma ou colaborativa, o que induz ao aprendiz a repensar as suas estratégias de aprendizagem, agregando a maior quantidade possível de informações e valor, buscando a criação de conteúdos relevantes e que possibilitem a aprendizagem de forma otimizada, pois em uma sociedade multicultural e de rápidas transformações, existem diversos caminhos para a educação, e no processo de ensino as metodologias ativas são uma forma de aprofundar o conhecimento, as competências socioemocionais e as novas práticas, pois nessa metodologia o aluno é o protagonista do seu processo de ensino, e para isso, o mesmo é incentivado a desenvolver uma postura de aprendizagem do conteúdo de forma autônoma e participativa. No ensino-aprendizagem, existem diversas técnicas e abordagens, sendo que na criação em artes, algumas das metodologias ativas mais estimuladas são a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (contextualização, apreciação e produção), o Painel Integrado, Aprendizagem Baseada em Projetos, Aprendizagem por meio de Jogos e Discussão e Solução de Casos (MORAN, 2018).

Para BARBOSA (2010), em sua abordagem triangular, a arte como conhecimento é dividida pela contextualização (na qual por meio de ações, foca-se em diferentes contextos da arte, como a história e a cultura), pela produção (são as ações focadas na produção e relações conceituais de conteúdos artísticos) e sobre a leitura/apreciação (são atos focados na leitura e interpretação da arte, que envolvem exercícios que estimulam a compreensão e a percepção artística do estudante).

Além da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, outras técnicas, da metodologia ativa, como o Painel Integrado que tem como princípio o trabalho em grupo, baseado na interação interpessoal e na troca de informações entre os participantes, no processo de ensino-aprendizagem, é muito utilizada pelos professores no ensino da Arte, sendo que essa técnica é defendida por autores como Leal; Miranda e Nova (2018), na promoção do estudo em grupo.

Outra técnica é a Aprendizagem baseada em projetos, na qual os estudantes são reunidos para a construção do conhecimento a partir de desafios propostos,

como pesquisas ou atividades nas quais o estudante precisa estudar, criar e testar possíveis soluções para a realização do desafio, desenvolvendo, assim, suas habilidades investigativas e críticas. Além desse método, também existe a aprendizagem entre pares, nas quais os estudantes são divididos em duplas ou grupos para que os mesmos possam transmitir o conhecimento que eles adquiriram para os seus colegas (MORAN, 2018).

Para Moran (2018), o processo de ensino por meio das metodologias ativas pode ser dividido em três tipos: o personalizado (método de ensino adaptado às necessidades do estudante), o colaborativo (os pares se juntam para compartilhar conhecimento) e o mais tradicional (criado pelo ensino por meio de um profissional mais experiente), sendo que esses processos podem combinar diversas técnicas de ensino de forma híbrida, possibilitando potencializar os métodos de ensino e as trilhas de aprendizagem. Nesse contexto, com o avanço da tecnologia, a necessidade da otimização do espaço e do tempo são algumas das principais questões discutidas pelos profissionais da educação. Nesse sentido, é cada vez maior a mescla de técnicas para alterar as salas de aulas convencionais (MORAN, 2015).

Logo, é nesse caminhar na busca pelo ensino-aprendizagem dos estudantes através das metodologias de ensino ativas que se fazem tão pertinentes ao trazerem a autonomia para estudante, como será elaborado na seção resultados.

4. TRILHANDO A FEIRA DAS FEIRAS

Conhecida como Feira das Feiras, também chamada de Princesa do Sertão, pelo equivocado diminutivo de Princesinha do Sertão ou Rainha do Sertão, Feira de Santana com suas peculiaridades, cultura, história, faz parte da segunda cidade mais populosa do estado da Bahia e a mais populosa em todo interior nordestino. Situada a 108 quilômetros da capital Salvador, encontra-se no principal entroncamento rodoviário do norte-nordeste do Brasil; esta posição privilegiada e a sua localização próxima à capital proporcionou-lhe um amplo desenvolvimento, principalmente no setor comercial. Este polo econômico e social do nordeste brasileiro é composto pelas rodovias federais BRs 101, 116 e 324, e as estaduais, as BAs, 084,502 e 504 (GAMA, 2019).

De acordo com Gama (2019), a colonização de Feira de Santana tem mais de 365 anos, pois se iniciou nos campos de Itaporocas, mas devido à seca e a falta de água a população migrou para as regiões dos Olhos D'Água e Alto da Boavista. Sendo que a fazenda Olhos D'Água (um dos seus principais pontos migratórios) por possuir água e as capelas de “Santa Ana e São Domingos”, tornou-se um ponto de atração para os viajantes que passavam pela região, formando grandes grupos de pessoas. Por conta desse grande fluxo de transeuntes, surgiu nesse local uma feira (ou Feira de Santana em homenagem à capela), que com o tempo se tornou o Arraial da Santana da Feira (1819), devido ao grande número de vendedores e compradores, que eram atraídos para a região, o que deu origem a um povoado, depois a Vila de Santana da Feira (1833), a comercial cidade de Feira de Santana (1873), Feira (1931) e em 1938, por fim, originou a cidade que passou a ser chamado de Feira de Santana, também conhecida como a Feira das Feiras, como ilustra a figura 1 (GAMA, 2019).



Figura 1 – A Feira das Feiras. (Foto do Jornal Feira Hoje, 2019).

Oliveira (2019) fala que a cidade possui diversos pontos históricos e esse fato se confirma pelo Sistema de Informações do Patrimônio Cultural da Bahia – SIPAC que documenta, em seu site oficial, dezesseis bens tombados pelo estado, sendo alguns dos principais os prédios do Mercado Municipal, o Paço e o casarão Fróes da Motta. Entretanto, além dos prédios tombados, Feira de Santana possui diversos monumentos e pontos históricos como o próprio casarão da fazenda Olhos D'Água, a Caixa D'Água do Tomba, os monumentos aos tropeiros e caminhoneiros, entre outros, como será apresentado nos resultados dessa pesquisa.

5. A ARTE NO CAMINHAR

A arte é uma disciplina dinâmica e que interage com o seu meio; ela não vem do “nada” ou puramente da cabeça do artista; antes, surge da sua relação com o seu entorno e sua história de vida. E isso é um diferencial no estudo da Arte, porque trabalha o ser humano como um todo e, nesse processo, “caminhar” por sua mente e sentimentos ou pelo “mundo” é essencial para compreendê-la, direcioná-la e expressá-la na visão do artista ou do estudioso, ampliando, assim, o seu embasamento teórico e prático.

Com base no referencial teórico, foram criadas perguntas relacionadas a compreensão sobre a cidade e a sua arte, visando inferir sobre o conhecimento dos entrevistados e provoca-los sobre o tema. E para isso, foi criado e aplicado um questionário, em uma turma de 33 alunos do 1º ano do Ensino Médio Regular, no segundo semestre do ano de 2019, do Colégio da Polícia Militar – CPM Diva Portela, situado à Rua Monsenhor Moisés do Couto, 2225, no bairro do Campo Limpo.

Com base nas respostas desses alunos, foi desenvolvida a proposta pedagógica denominada, a princípio, como ANDARILHOS DA CULTURA: O caminho da história, arte e cultura da “PRINCESA DO SERTÃO”. Esse projeto era uma relação da importância de conhecer e reconhecer a história do lugar no qual nascemos ou moramos, bem como valorizar sua história, cultura, seus patrimônios, seus artistas, sua gente. Com base no primeiro questionamento feito aos 33 alunos na turma do 1º ano B, do Ensino Médio Regular, do Colégio da Polícia Militar – CPM Diva Portela, foi possível modelar alguns dos principais tópicos a serem trabalhados, como: importantes locais históricos da região, quem foram os seus fundadores, a arquitetura da região, a sua geografia e suas mudanças, etc.

Por meio dessas indagações e tendo esses tópicos de estudo referentes à memória, história, cultura, arte e o sentimento de pertencimento é que os alunos foram conduzidos em pesquisa, saídas pedagógicas/expedições, aos principais lugares selecionados pelos mesmos. Envolvidos, descobriram o valor da memória, do preservar a arte e cultura do lugar e seus patrimônios, identificando lugares, espaços, pessoas, manifestações e festas da Princesinha do Sertão, como carinhosamente Feira de Santana é conhecida pelo seu povo. Descrevendo, pela fotografia, a cidade atual, mas trazendo também a história da Feira das feiras, analisaram suas perdas e permanências. Caminhando por alguns espaços da

cidade, traçou-se um mapa histórico, cultural e artístico da cidade, buscando representar o sentimento de pertença, que foi despertado durante toda a trajetória da proposta, a partir de uma visita mediada, além de uma exposição com uma performance, instalação e exposição fotográfica, que culminou no mapeamento afetivo dos estudantes em relação a região, como citado por Rolnik (2011), quando fala que o mapeamento afetivo é a relação da pessoa “sentimental” com o território.

Como destaca Iavelberg (2003, p.9), “a arte constitui uma forma ancestral de manifestação, e sua apreciação pode ser cultivada por intermédio de oportunidades educativas. Quem conhece arte amplia sua participação como cidadão, pois pode compartilhar de um modo de interação único no meio cultural”. Nesse sentido, o projeto foi orientado pela Abordagem Triangular, que conforme Barbosa e Cunha (2010, p.133 *apud* Barbosa, 2001), “pretende formar o condecorador, o decodificador da obra de arte e das imagens do cotidiano ou da cultura visual”. Com base em Barbosa e Cunha (2010), ainda destaca-se que:

A ação educativa do professor de Artes Visuais mediada pela Abordagem Triangular organiza o currículo entrelaçando o fazer artístico, a contextualização da arte/imagem e a leitura de forma que sejam respeitados tantos as necessidades, interesses e desenvolvimento do aluno como oferecendo ao próprio ensino outros valores de forma a contribuir para a cultura. (BARBOSA e CUNHA, 2010, p. 133-134 *apud* BARBOSA, 2001).

Logo, visando apresentar a arte como conhecimento e cultura, para o centro da ação educativa, e considerando as práticas de produção, de difusão e de recepção em seus contextos e relações como dimensões da mediação cultural foram geradas provocações, reflexões, inquietações, estesia e experiência estética.

Durante a construção e alterações do projeto, os procedimentos metodológicos foram divididos em três etapas de investigação seguindo a proposta de Ana Mae Barbosa: Contextualização e apreciação, Produção e Exposição.

A princípio, os estudantes assistiram a um documentário (linguagem cinematográfica, que viabiliza a aprendizagem dos conteúdos e amplia a visão de mundo, gerando curiosidades, questionamentos, reflexões, sentimentos, identificações) que trouxe imagens da Feira de Santana antiga e a atual; conheceram, através da pesquisa, estreitando a relação entre a teoria e prática, a história do surgimento de Feira de Santana, além do estudo dirigido, promovendo o desenvolvimento das habilidades de pesquisa dos educandos no estudo sobre as

personalidades e artistas, praças, festas, patrimônios, espaços culturais e artísticos e suas feiras.

Os filmes enriqueceram as aulas e tornam-se uma ótima alternativa como extensão do ambiente formal de ensino e contribuíram para o desenvolvimento da autonomia e para a promoção do aprendizado. Nesse sentido, o recurso audiovisual é um grande instrumento educativo. O documentário apresentado é um arquivo não só de vídeo e fotos, mas um arquivo de imagens de uma cidade centenária, que pouco tem guardado sua história. São imagens e depoimentos que permitiram fazer uma viagem no tempo e levar à reflexão sobre o quanto destruímos o passado ou nos silenciamos diante dele; todavia, ainda poderemos fazer algo para mudar o futuro. E nesse cenário foram mapeadas as paisagens psicossociais, que existiam ou que passaram a existir (ROLNIK, 2011).

Visto que, os vídeos combinam a comunicação sensorial cinestésicas com a audiovisual; a intuição com a lógica; a emoção com as raízes, embora comecem pelo sensorial, seguido pelo intuitivo, para atingir, posteriormente, o racional. Dessa forma, muitos alunos questionaram-se sobre as mudanças visíveis e que deixaram a nossa história incompleta, como muitos prédios e espaços destruídos com o passar do tempo ou modificados totalmente.

Ainda na primeira etapa eles conheceram a evolução do bipedalismo (conhecer algumas teorias sobre a evolução dos homens até ficarem bípedes e a nossa locomoção), a história da caminhada, tipos e possibilidades de caminhar e a história de andarilhos como filósofos clássicos, Nietzsche, H. D. Thoreau, Jean-Jacques Rousseau, Rimbaud, Kant e Gandhi.

Na etapa seguinte, o uso da metodologia ativa abordando o uso da técnica do painel integrado, conforme apresentado por Leal; Miranda e Nova (2018), foi utilizado, incentivando o trabalho em grupo, colocando o estudante como agente ativo do processo de ensino-aprendizagem e estimulando a interação entre os alunos por meio das observações e discussões.

E por fim, na terceira etapa da proposta, foi delineada a exposição artística que envolveu a parte fotográfica do processo das aulas e visitas, o desenvolvimento da ideia para a instalação que foi montada com a temática “Preservação da história, arte e cultura feirense” como também da performance “Tropeiros, cidade e comércio”, chamando atenção da comunidade escolar para a necessidade de

valorização e preservação da história, arquitetura e cultura da cidade de Feira de Santana.

5.1. TRILHANDO A ARTE NOS MUSEUS E NAS RUAS

Uma vez desenvolvido o roteiro da primeira parte do projeto, os alunos iniciaram as suas ações artísticas visitando, conhecendo e prestigiando a Exposição Fotográfica Coletiva – 186 anos da Princesa do Sertão - 1833-2019. Além dessa proposta, os alunos também participaram de outras saídas pedagógicas, nas quais os mesmos pensaram no trajeto a percorrer, na escolha de regras para caminhar, na elaboração de mapas do caminho desejado ou não, um olhar novo, uma ampliação do simples fato de deslocar-se, de andar, andarilhar. “Caminhar é ter um tempo para si mesmo. O ato de caminhar faz com que desaceleremos um pouco, para que possamos observar nosso entorno” (BRUNET, 2018, p. 28).

Durante a criação dos mapas, foi proposta a criação de um mapa afetivo, além de compartilhar e demarcar os lugares e roteiro das próximas três saídas pedagógicas a serem realizadas, sendo a primeira o City Tour por Feira de Santana, saindo do CPM no ônibus em direção ao Casarão Olhos D’água - local onde surgiu a cidade, onde praticamente hoje é o centro da cidade. Passamos pelo Feiraguay⁴ até chegar na Igreja Matriz, padroeira Nossa Senhora Sant’Ana; em seguida Centro Universitário de Cultura e Arte - CUCA, passando pelo prédio da Filarmônica 25 de março, ao abrigo Predileto, Mercado de Arte, Paço Municipal, Igreja Senhor dos Passos, até chegar no relógio do Rotary, que é o marco zero da cidade, situando as rotas norte, sul, leste e oeste, e finalizamos nosso tour no Centro de Abastecimento; o segundo evento foi uma Caminhada pelo Parque da Lagoa; e o terceiro trajeto uma andança pelo entorno da escola.

O primeiro local do City Tour por Feira de Santana contou com um grupo de 22 alunos, sendo que, o grupo de alunos responsáveis pela organização do roteiro foi situando e trazendo curiosidades de cada espaço demarcado. Devido ao grande fluxo de veículos, pessoas no centro da cidade, ficou combinado a parada apenas no Casarão Olhos D’água e no Centro de Abastecimento, todo o restante do percurso dentro do ônibus. Nesse passeio, passamos pelo Feiraguay, até chegar na

⁴ Centro comercial, no qual antes nesse mesmo local funcionava a estação de trem

Igreja Matriz, pelo CUCA, (edifício construído no início do século XX, mantido pela UEFS, o Centro Universitário de Cultura e Arte), continuamos pelo prédio da Filarmônica (1868, ano em que a Filarmônica foi provavelmente fundada e hoje encontra-se abandonada), em seguida entramos em uma das principais avenidas da cidade - a Avenida Getúlio Vargas, onde observamos o Abrigo Predileto e na mesma direção o Mercado de Arte (construído no início do século XX), mais à frente o Paço Municipal (o atual prédio da Prefeitura) e do lado, a Igreja Senhor dos Passos até chegar no relógio do Rotary, que é o marco zero da cidade. Finalizamos nosso *tour* no Centro de Abastecimento.

Uma vez que os alunos começaram a percorrer os caminhos que compõem a história e a arte da cidade, foi realizada uma prática artística, na qual eles apresentaram seu olhar a respeito do trajeto, por meio de fotografias, fazendo com que eles começassem entrelaçar e criar referenciais de seus trajetos com os conteúdos apresentados em sala de aula e para isso foi feita a segunda saída pedagógica, uma prática artística que consistiu em uma caminhada pelo Parque da Lagoa realizada no dia 10 de novembro, na qual os alunos criaram um mapa do trajeto utilizando o aplicativo Strava (que foi apresentado na exposição), enquanto passeavam pela história do parque utilizando as regras que os mesmo criaram previamente em sala de aula.

Após a prática artística realizada no Parque da Lagoa, foi proposta aos alunos a criação de nova uma ação artística, que consistiu em uma “aventura”, composta por uma caminhada no entorno do colégio, na qual os alunos estipularam diversas regras e “comandos” a serem seguidos, para que os mesmos pudessem explorar as limitações físicas do seu entorno, relacionando as transformações que o local sofreu.

Nessa “aventura” a maioria dos alunos ficou impressionada por esse novo olhar em relação ao entorno do colégio, pois observaram e perceberam que é um bairro de construções térreas, de comércio variado e muito movimentado. Falaram das calçadas que precisavam estar em melhores condições para os pedestres e que as mesmas possuíam pouca acessibilidade.

5.2. UMA TRILHA COM FOTOGRAFIAS

Com base nos trajetos percorridos pelos alunos e em suas vivências artísticas, o próximo passo do projeto foi conduzir os alunos a pensar e compreender

a montagem de uma instalação (construção de um ambiente). Além de montar uma exposição fotográfica mostrando todo o processo do projeto, desde aulas em sala de aula, até as saídas de campo, tendo como ideia central a necessidade e importância de preservar a história, arte e cultura de Feira de Santana, retomamos os questionamentos iniciais: Como preservar a história, as manifestações culturais, a arte, a memória de uma cidade? Como fazer com que seus filhos, ou mesmo moradores, conheçam e preservem sua história? Quais as atitudes poderão ser tomadas por cada um de nós para que a história de Feira de Santana, a nossa própria história, não seja demolida junto a sua arquitetura?

E, assim, os alunos foram divididos em grupos, sendo um para esboçar, descrever e selecionar os materiais necessários para a instalação e o outro grupo recolher e selecionar as fotos e vídeos dos colegas para exposição fotográfica.

Em relação à exposição fotográfica, os alunos separam as atividades desenvolvidas em sala e das saídas pedagógicas: City Tour pela Princesa do Sertão, caminhada pelo Parque da Lagoa e o andar pelo entorno do CPM. Todo a produção e montagem utilizou papel Kraft, sisal, pegadores e fita adesiva como apresentado na figura 2.



Figura 2 - Visão geral da Exposição CPM. (Foto da autora, 2019).

A exposição “Andarilhos da Cultura: o caminho da história, arte e cultura da Princesa do Sertão” foi realizada entre os dias 26 a 28 de novembro de 2019 na área do pátio do Colégio da Polícia Militar Diva Portela – CPM. E toda a comunidade escolar foi convidada e a visitação foi satisfatória, como mostra a figura 3.



Figura 3 - Exposição CPM. (Foto da autora, 2019).

5.3. TRILHANDO UM NOVO CAMINHO

No início desse trabalho, fiz alguns questionamentos aos alunos buscando entender o que eles conheciam a respeito da cidade de Feira de Santana, e no decorrer desse projeto fui instigando o espírito desbravador desses estudantes, levando-os a caminhar pela arte e pela história do município. Entretanto, ao final da exposição, questionei-me o que esses alunos poderiam ter aprendido: será que consegui transmitir o ensino da história de maneira lúdica por meio da arte? Será que transformei, de alguma forma significativa, a vida desses alunos? E para isso retomei os meus questionamentos iniciais e indaguei aos alunos: “Como preservar as manifestações culturais, a arte e a memória de uma cidade? ” E, nessa interrogação, uma das alunas Ana⁵ respondeu que “A melhor forma é explicando a história da cidade”, e Eudes⁶ complementou que “Fazer vídeos ou tirar fotos da cidade e dos eventos e colocar na internet é uma possibilidade de preservar as lembranças a respeito dos lugares”. Além desses dois alunos, os demais também apresentaram respostas parecidas, sendo que Anna⁷ explicou que é possível “Por meio das artes das ruas e as que estão no Museu que visitamos”.

⁵ Ana Clara Almeida Trindade Freitas

⁶ Eudes dos Santos Silva Junior

⁷ Anna Claudia Barbosa Nunes

Uma vez realizados os questionamentos a respeito de como preservar a memória de uma cidade, questionei “Como fazer com que seus filhos, ou mesmo moradores, conheçam e preservem sua narrativa? ” E nesse ponto Davi⁸ sugeriu utilizar fotografias; Lucas⁹, criar livros e João¹⁰, criar um grupo para conversar sobre o assunto. Então, nesse ínterim, eu os indaguei: “Quais as atitudes poderão ser tomadas por cada um de nós para que a história de Feira de Santana, a nossa própria história, não seja demolida junto a sua arquitetura?” E, novamente percebi que os alunos recorreram ao uso das respostas anteriores, principalmente a utilização da fotografia ou textos como forma de ilustrar a arte e a cultura local.

Além de retomar as perguntas iniciais desse projeto, questionei-os a respeito da proposta, e a maioria das respostas foi satisfatória. Entretanto, alguns alunos responderam que não gostaram, mas isso ocorreu, pois, de acordo com eles “montar a exposição foi divertido, mas *deu* muito trabalho”. Então os questionei: “Vocês aceitariam participar desse projeto novamente”? A resposta de que participariam foi unânime, mas os estudantes me sugeriram que o Projeto deveria ser modificado, apresentando um novo roteiro com mais locais para exploração.

A partir dessa reflexão, questionei-os: “se o projeto continuar que tipo de lugar vocês querem conhecer? ” E, nesse momento, dois alunos se manifestaram apresentando propostas diferentes das previstas, que logo se expandiram e atraíram os seus colegas. A primeira delas foi feita por Marcos¹¹: “Quero explorar outros locais menos conhecidos na cidade como o Campo do Gado”; e depois, Pedro¹²: “Quero conhecer a história dos distritos”. A partir daí diversas ideias nasceram, fazendo com que os estudantes passassem a idealizar a expansão do projeto para outras cidades ou até mesmo abraçando outras disciplinas como Física, Química, Biologia ou Português.

Uma vez que os alunos expressaram as suas opiniões sobre as mudanças no projeto, questionei-os o porquê dessas mudanças, e Maria Eduarda¹³ falou: “Quero conhecer outros lugares, passear, principalmente se for na praia”; a turma sorriu e

⁸ Davi dos Santos Ribeiro

⁹ Lucas de Moraes Silva

¹⁰ João Vitor Almeida Ribeiro

¹¹ Marcos Levi Cerqueira Gonçalves

¹² Pedro Henrique da Silva Almeida

¹³ Maria Eduarda Lisboa Gonçalves

Eudes explicou que “O trabalho é legal, a gente passeia pelos museus e vê tudo que a gente aprende na sala, mas seria mais legal se os outros fossem parecidos com a ida ao Parque” (que muitos, mesmo tendo crescido na região, não conheciam). Os colegas concordaram falando que a prática artística realizada no Parque foi “divertida e que eles aprenderam brincando”, principalmente o lanche na lagoa, que permitiu que eles saíssem da escola para serem “exploradores”.

Quando questionei se eles gostavam de ser exploradores, todos os alunos responderam que “sim” e que graças ao projeto descobriram diversos locais na cidade que desconheciam a existência ou a história. E então, verifiquei qual o local onde o maior número de alunos gostou de ir, e do qual eles menos gostaram. Houve respostas variadas, mas o preferido da maioria foi o museu e o que eles menos apreciaram foi o Casarão Olhos D’água. Quando perguntei “Por que você gostou de ir a esse local? ” e “Por que você não gostou de ir a esse lugar?”, eles responderam de forma eclética, sendo que Samuel¹⁴ falou “o museu tinha umas pinturas legais e bonitas” e Rodrigo¹⁵: O casarão era uma casa velha”.

Com base nessas respostas, questionei novamente o que eles poderiam me sugerir para ser alterado no projeto e as respostas variaram desde visitar a capital Salvador, a acrescentar a possibilidade de fazer um filme das práticas artísticas e alterar o projeto para visitar os distritos do município de Feira de Santana. E nesse momento os indaguei se eles teriam interesse em atuar de forma independente e se pesquisariam a história de um local ou de uma imagem; a maior parte dos alunos respondeu que “sim”.

¹⁴ Samuel Alves do Couto

¹⁵ Rodrigo Beltrão Santos

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse é um projeto que começou como um simples passeio pela história de Feira de Santana, tendo a Arte como guia, mas, em seu decorrer, os caminhos foram se modificando, e, a cada passo, fizemos uma nova descoberta e novos companheiros foram surgindo por meio das figuras ilustres que ajudaram a fundar essa cidade. As inquietações em relação à importância de conhecer e reconhecer a história e arte do lugar no qual nascemos ou moramos, bem como valorizar sua cultura, seus patrimônios, seus artistas, sua gente, foram validadas a cada instante de descobertas na criação desse projeto e expressado pelos alunos. O que por sua vez gerou um conhecimento, que pode ser utilizado pelo discente e pelo docente, no futuro, para narrar sobre o território e a história da cidade com propriedade, além de permitir ao educador estreitar os seus laços com seus discentes, compreendendo um pouco do seu olhar a respeito do seu entorno.

A princípio, quando esse trabalho foi idealizado, o seu principal desafio era como chamar a atenção e engajar os estudantes, fazendo com que eles percebessem que a Arte é muito mais do que um quadro bonito na parede; mas algo vivo, que surge das experiências e dos sentimentos dos indivíduos, transmitindo uma mensagem que pode ou não ser compreendida. E que a mesma está presente em diferentes períodos da história de forma viva e dinâmica, seja na forma arquitetônica de um prédio, numa pintura nos muros da rua ou em uma obra de arte exposta num museu. Além disso, a mesma deve ser preservada, seja por meio de “lembranças” ou de representações culturais.

Foi de grande relevância para mim, enquanto Arte educadora, esse projeto ter apresentado parte da história dessa cidade, levando os estudantes a compararem o conhecimento teórico-prático, por meio de práticas artísticas relacionadas ao seu processo de caminhar, fazendo analogias entre o passado e o presente. O que fez, por meio desse trabalho, que os alunos pudessem descobrir o valor da memória, do preservar a arte e a cultura de um lugar e seus patrimônios, identificando lugares, espaços, pessoas, manifestações e festas da “Princesinha do Sertão”.

Além disso, foi possível descrever, por meio da fotografia, as mudanças que levaram à Feira atual, mas trazendo, também, Feira das feiras, analisando suas perdas e permanências. Esse trabalho que utilizou o projeto pedagógico, denominado Andarilhos da Cultura: O caminho da história, arte e cultura da

“Princesa do Sertão”, foi conduzido e modelado pelos questionamentos: Como preservar a história, as manifestações culturais, a arte, a memória de uma cidade? Como fazer com que seus filhos, ou mesmo moradores, conheçam e preservem sua história? Quais as atitudes poderão ser tomadas por cada um de nós para que a história de Feira de Santana, a nossa própria história, não seja demolida junto a sua arquitetura? – que contribuíram no processo de conscientização e conhecimento dos alunos sobre Feira de Santana.

Além de discutir a respeito da Cidade das Feiras, ao final do trabalho, foi possível perceber que esse projeto modifica o olhar do professor e do estudante a respeito da integração da história, cultura e arte. Pois o mesmo permite o compartilhamento de informações e o estímulo pela transmissão do conhecimento. Além disso, com base nas respostas dos alunos, percebe-se que esse projeto pode ser continuado e deve ser modificado em suas próximas aplicações para que o mesmo possa possibilitar aos alunos trilhar novos caminhos, permitindo que o mesmo possibilite ao discente vivenciar a história e a arte de outras regiões e registrarem esses momentos por meio de vídeos ou outras formas de expressões artísticas as quais permitam aos estudantes exporem a sua arte e as suas descobertas, gerando novas discussões que serão exploradas em futuros trabalhos.

Portanto, ao final desse trabalho percebo que ao preservar a história de Feira de Santana estou guardando parte das minhas memórias e contribuindo para cumprir o meu papel de educadora de artes por meio das minhas andanças e a significativa contribuição desse projeto quanto ao uso das metodologias ativas no caminhar pela história, arte e cultura de Feira de Santana, o que possibilitará futuras aplicações desse projeto.

Ações como esta incentivam as escolas, que podem e devem investir no estudo da cidade e da sua região, pois caminhar por nossa cidade traz consigo uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem, a qual incentiva os estudantes a se tornarem sujeitos ativos e protagonistas em suas vidas, sabendo-se pertencentes a um lugar; sendo assim, preservam a sua história e a do local onde vivem.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: CI Artes, 1998.
- . **A imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
 - . **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
 - . **A imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira. **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BRUNET, Karla. **A arte de Caminhar: Ilha de Maré**. Salvador: ECOARTE/UFBA, 2018.
- CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora**: estratégias pedagógicas para formentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2018.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GAMA, Raimundo. Feira de Santana. **Jornal noite e dia**, Feira de Santana, set. 2020. p. 4.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa – 4^a edição**. São Paulo: Atlas, 2002.
- IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- INGOLD, Tim. O Dédalo e o labirinto: Caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015
- LEAL; Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; NOVA, Silvia Pereira de Castro Casa. **Revolucionando a sala de aula**: Como desenvolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem. 1 ed. [2. reimpr.]. São Paulo: Atlas, 2018.
- LÓSSIO, Rúbia Aurenívea Ribeiro; PEREIRA, Cesar de Mendonça. A importância da valorização da cultura popular para o desenvolvimento local. In: ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 3. 2007, Salvador. **Artigo**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/eneicult2007/RubiaRibeiroLossio_CesardeMendoncaPereira.pdf>.
- MARTINS, Mirian Celeste e PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MORAN, José. **Mudando a educação com metodologias ativas.** In Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Coleção Mídias Contemporâneas. 2015. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2020.

–. **Metodologias ativas para uma aprendizagem profunda.** In: MORAN, José; BACICH, Lilian (Org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

OLIVEIRA, Dimas. Princesa do sertão: quase 100 anos do epíteto dado a Feira de Santana por Rui Barbosa. **Jornal noite e dia**, Feira de Santana, set. 2020. p. 8.

PILLAR, Analice Dutra. **A Educação do olhar no ensino das artes.** Editora Mediação, 1999.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora UFRGS, 2011.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar.** São Paulo: Martins Fontes, 2016.

PROPOSTA PEDAGÓGICA

O CAMINHAR NO PROCESSO DE ENSINO DA HISTÓRIA,
ARTE E CULTURA DA PRINCESA DO SERTÃO

CARLA FABIANA FERREIRA SANTOS SILVA



PRIMEIROS PASSOS DA CAMINHADA

Desde o primeiro momento que escolhi prestar vestibular para a Licenciatura de Educação Artística com ênfase em Computação Gráfica na Universidade Tiradentes - UNIT, em Aracaju, no ano de 1997, a Arte anda de mãos dadas comigo. Principalmente a partir de março de 2002, quando recebi meu diploma e voltei para minha cidade, Feira de Santana, na qual comecei a trilhar diversos caminhos que me levaram da rede pública de ensino à rede particular, dos alunos do ensino fundamental aos da graduação, sempre fazendo com que eu me adaptasse e me permitisse trilhar novos percursos.

Nas minhas andanças, meu olhar foi se modificando e o meu trajeto alterado, devido a mudanças que foram anunciadas na minha carreira. Sendo uma delas, em 2017, quando o Colégio do Estadual da Bahia, no qual trabalhava, teve suas salas de aulas fechadas e tive que complementar a minha carga horária de trabalho no Colégio da Polícia Militar Diva Portela.

Durante minhas aulas sobre a arte nessa instituição, a falta de conhecimento dos estudantes sobre a história da cidade me inquietava. E durante minhas caminhadas pela educação decidi mudar essa situação e para isso convidei os meus 33 alunos do 1º ano do Ensino Médio Regular, turma B, no segundo semestre do ano de 2019, do Colégio da Policia Militar – CPM Diva Portela, situado à Rua Monsenhor Moisés do Couto, 2225, no bairro do Campo Limpo a andarem comigo pela história de Feira de Santana, redescobrindo a arte, a cultura, a história e o território que compõem a região. Nesse processo, foi criado um artigo para embasar esse projeto e foi idealizada a exposição “ANDARILHOS DA CULTURA: O caminho da história, arte e cultura da PRINCESA DO SERTÃO”, como resultado da pesquisa desenvolvida para o Programa de Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Esse trabalho é uma junção de uma revisão bibliográfica e da prática educacional, que deu origem ao projeto pedagógico, denominado Andarilhos da Cultura: O caminho da história, arte e cultura da “Princesa do Sertão”, sendo que, foram aplicados questionários em sala de aula para analisar o interesse dos estudantes no tema e compreender a efetividade do projeto.

Munido do conhecimento teórico, foi aplicado na sala de aula do 1º ano turma B, no segundo semestre do ano de 2019 um questionário para compreender se os

33 alunos sabiam como surgiu a cidade de Feira de Santana. Esse questionário foi composto por duas perguntas, para tentar mensurar quantos alunos conheciam a cidade. Na primeira pergunta feita aos alunos, os mesmos deveriam levantar a mão se soubessem, o porquê do nome da cidade ser Feira de Santana. Dos 33 alunos, 30 responderam que não sabiam; e quando questionados os 3 que sabiam, apresentavam dúvidas a respeito do tema. Na segunda pergunta foi questionado se eles conheciam a história de algum feirense famoso e, nesse ponto, pedi que os mesmos narrassem essas histórias.

Através da investigação teórica realizada por meio da análise de livros, artigos e revistas acadêmicas sobre o assunto e com o apoio do questionário, foi possível observar um padrão no conhecimento dos alunos sobre o tema, e a necessidade que os mesmos tinhambem de conhecer a história e a cultura local. Logo, com base nessas informações obtidas através da análise do referencial teórico e das pesquisas realizadas nesse estudo, foi possível identificar os requisitos necessários para a criação e implantação do projeto pedagógico, denominado Andarilhos da Cultura: O caminho da história, arte e cultura da “Princesa do Sertão” e como auxiliar na construção da formação cidadã de estudantes feirenses e no resgate da valorização da cultura, da arte e da história do nosso município.

METODOLOGIA

Essa proposta de ensino foi baseada nos referenciais teóricos (livros, jornais, revistas acadêmicas, sites) apresentados pelo artigo desenvolvido, para que, fosse possível embasar a exposição denominada Andarilhos da Cultura: O caminho da história e cultura da “Princesa do Sertão”, que por sua vez foi executado em um grupo de alunos do Colégio da Policia, localizado na rua principal em um dos maiores bairros em extensão territorial, com suas peculiaridades, cultura, história. Esse bairro faz parte da segunda cidade mais populosa do estado da Bahia e a mais populosa em todo interior nordestino: Feira de Santana-Bahia.

Os alunos foram encaminhados, nesse projeto, a uma busca pelo conhecimento em meio a pesquisas e expedições, aos principais lugares selecionados pelos mesmos, fazendo comparações com imagens da cidade antiga em diferentes períodos de tempo para comparar com a cidade atual, que lhes foi apresentada durante as ações artísticas, para que fosse possível mapear a trajetória

da região e as mudanças que ocorreram na arquitetura e nos hábitos culturais da região.

Dentre os procedimentos metodológicos utilizados na criação dessa proposta, a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (contextualização, apreciação e produção) foi a principal metodologia utilizada, pois possibilitou aos alunos compreenderem a arte para a criação da exposição. Além dessa metodologia ativa, também foram utilizadas aulas expositivas, visitas técnicas, mapas mentais e o painel integrado.

Nesse sentido, o projeto foi dividido metodologicamente em contextualizar, apreciar e produzir, como forma de estimular a aprendizagem, como mostra o cronograma no anexo 1. Logo em sua primeira etapa os alunos assistiram a um documentário comparando imagens da Feira de Santana antiga e a atual. Além disso, eles aprenderam a respeito da evolução do bipedalismo (teorias sobre a evolução dos homens até ficarem bípedes e a nossa locomoção), além da história de alguns andarilhos famosos como Kant e Nietzsche, para ilustrar e contextualizar o processo de caminha.

Na segunda etapa, foi utilizada a técnica do painel integrado, incentivando o trabalho em grupo, colocando o aluno como agente ativo do processo de ensino-aprendizagem, estimulando a interação entre os alunos por meio das observações e discussões. Nesse processo, foram utilizadas imagens e foram apresentadas noções de fotografia e filmagem com o uso de celular, para que eles pudessem documentar as suas descobertas e foi dado início à construção das regras e mapas para as visitas técnicas como o city tour pelo local do surgimento da cidade e centro de Feira de Santana, caminhada pelo verde no Parque da Lagoa, além da caminhada pelo entorno do colégio.

Na terceira etapa da proposta, fomos delineando a exposição artística na qual eles apresentaram as suas fotografias produzidas nas aulas e visitas, para que fosse montada a exposição com a temática de “Preservação da história, arte e cultura feirense”, além da performance narrativa “Tropeiros, cidade e comércio”, chamando atenção da comunidade escolar para a necessidade de valorização e preservação da história, arquitetura e cultura da cidade de Feira de Santana.

Logo, é com essa proposta que iremos caminhar nessa jornada apresentado em seu decorrer a importância do caminhar no ensino da história de uma região.

PREPARAÇÃO: ANTES DO CAMINHAR

APRESENTAÇÃO – DOCUMENTÁRIO “MEMÓRIA VIDEOGRÁFICA DE FEIRA DE SANTANA”

No primeiro encontro do semestre de 2019, a proposta foi iniciada (o projeto Andarilhos da Cultura). Alunos do 1º ano B assistiram ao documentário “Memória videográfica de Feira de Santana”, no qual eles puderam aproximar a sala de aula do cotidiano, das linguagens de aprendizagem e comunicação da sociedade urbana, bem como introduzindo novas questões no processo educacional. Nesse documentário foi apresentado é um arquivo não só de vídeo, fotos; mas também um arquivo de imagens de uma cidade centenária, que pouco tem guardado sua história. São imagens e depoimentos que permitiram fazer uma viagem ao tempo e levar a reflexão sobre o quanto destruímos o passado ou nos silenciamos diante dele. Mas ainda poderemos fazer algo para mudar o futuro.

Os filmes enriquecem as aulas e tornam-se uma ótima alternativa como extensão do ambiente formal de ensino e contribuem para o desenvolvimento da autonomia e promoção do aprendizado. Nesse sentido, o recurso audiovisual é um grande instrumento educativo.



Figura 1: Início do projeto. (Foto da autora, 2019).

Afinal, os vídeos combinam a comunicação sensorial cinestésica com audiovisual; a intuição com a lógica; a emoção com as raízes, embora começem

pelo sensorial, seguido pelo intuitivo, para atingir, posteriormente, o racional. Dessa forma, muitos alunos questionaram-se sobre as mudanças visíveis e que deixaram a nossa história incompleta, como muitos prédios e espaços destruídos com o passar do tempo ou modificados totalmente. Depois de ouvir algumas de suas leituras do documentário, os 32 alunos foram divididos em 7 grupos, e responderam aos questionamentos: Como preservar a história, as manifestações culturais, a arte, a memória de uma cidade? Como fazer com que seus filhos, ou mesmo moradores, conheçam e preservem sua história? Quais as atitudes que poderão ser tomadas por cada um de nós para que a história de Feira de Santana, a nossa própria história, não seja demolida junto a sua arquitetura?

Cada grupo teve nesse primeiro momento apenas os dez minutos finais da aula para a primeira interpretação do vídeo, diálogo e levantamentos de hipóteses. No encontro seguinte, cada grupo retornou aos questionamentos e trouxe, a partir da temática sorteada a ampliação sobre a história da origem de Feira de Santana, os artistas e personalidades feirenses, as praças, as festas, os espaços artísticos e culturais, os patrimônios tombados, sobre as feiras de Feira. Cada aluno do grupo teve a tarefa de ler, antecipadamente em casa, sobre a temática do grupo e produzir um resumo ou mapa conceitual, para que o mesmo pudesse expor as ideias centrais da pesquisa (ampliação), com a maior riqueza de detalhes possível para os demais colegas.

PAINEL INTEGRADO - A HISTÓRIA DE FEIRA DE SANTANA

Nas duas aulas seguintes, utilizei a técnica do painel integrado debatida por Leal; Miranda e Nova (2018), que tem como princípio o trabalho em grupo, baseado na interação interpessoal e na troca de informações entre os participantes, uma das técnicas da metodologia ativa de aprendizagem. Com os alunos organizados em seus grupos, a turma teve vinte minutos para compartilhar a temática do que foi ampliado por pesquisa e elaborado em texto ou mapa conceitual, esclarecendo e ampliando a compreensão do conteúdo. Foram dados mais dez minutos para retomarem aos questionamentos e responderem coletivamente em folha específica. Nos vinte minutos restantes, foram formados novos grupos, compostos por um integrante de cada um dos outros grupos de origem, conforme figura 2.



Figura 2: Construção do painel. (Foto da autora, 2019).

Desse modo, em cada novo grupo houve representantes de cada um dos grupos que haviam sido formados inicialmente, tornando possível que nesse momento cada componente compartilhasse as informações encontradas sobre a sua temática. Juntos, começaram a construir um texto sobre a história da origem de Feira de Santana, seus artistas e personalidades feirenses, suas praças, festas, espaços artísticos e culturais, patrimônios tombados e sobre as feiras de Feira de Santana. Na aula seguinte, finalizaram os textos e chegou o momento de eles montarem um painel em folha de papel metro incluindo todos os sete textos ilustrados com imagens, que representassem as temáticas estudadas sobre Feira de Santana, as hipóteses e as respostas dos questionamentos realizados aos grupos. Cada grupo escolheu um representante, que verbalizou suas descobertas, finalizando essa etapa de conhecimento e aprendizado.

PESQUISA - EVOLUÇÃO DO BIPEDALISMO

A pesquisa tem um papel importante na produção de novos conhecimentos e o projeto “Andarilhos da Cultura”, como o próprio nome já deixa subtendido, fez com que os alunos andassem desde a própria sala de aula, trocando e buscando informações, como também nas futuras saídas nas quais iríamos deixar as quatro paredes da sala de aula nas saídas pedagógicas/expedições conhecendo, reconhecendo e valorizando o lugar onde nascemos ou mesmo de moradia temporária. Por isso, conhecer como ficamos eretos, a evolução do desenvolvimento da locomoção e de sermos bípedes é importante. Afinal, nosso corpo em uma caminhada se torna o lápis e o trajeto/caminho o desenho realizado.

Sendo assim, os alunos, continuando no mesmo grupo da aula anterior, pesquisaram em sala o conceito, origem, características e as hipóteses do desenvolvimento do bipedalismo. Foi entregue a cada grupo quatro folhas de papel tamanho A3, hidrocor, giz de cera, revistas, tesoura para que elaborassem um mapa conceitual ilustrado. Faltando dez minutos para o término da aula, colocamos expostos na parede da sala e compartilhamos as informações solicitadas e encontradas.

Foi solicitado para casa por grupos informações / pesquisa sobre os andarilhos: Nietzsche, H. D. Thoreau, Jean-Jacques Rosseau, Rimbaud, Kant e Gandhi.

ESTUDO DIRIGIDO - HISTÓRIAS DE ANDARILHOS: NIETZSCHE, H. D. THOREAU, JEAN-JACQUES ROSSEUAU, RIMBAUD, KANT E GANDHI

Ser andarilho refere-se àquela pessoa que anda muito e dentre eles podemos citar: Nietzsche, H. D. Thoreau, Jean-Jacques Rousseau, Rimbaud, Kant e Gandhi. Foi com esse pensamento de compreender o ser andarilho que nos 10 minutos iniciais da aula solicitei que os alunos, organizados em seus grupos (mesmos grupos da atividade anterior), selecionassem a ideia central do andar, caminhar de cada um andarilho pesquisado, conhecendo, assim, formas e sentidos diferentes do caminhar humano.

A partir desse olhar para o andar, o caminhar desde um ato cotidiano ao ato de protestar os alunos despertaram para a importância do percorrer os espaços, da

necessidade de nos movermos e, principalmente, de preservar a nossa cidade e observá-la por diferentes ângulos, diferentes pontos de vista. Conversamos sobre o caminhar pela cidade, os lugares por onde andamos, as dificuldades existentes, ou não, desde as condições das calçadas até os momentos de atravessarmos uma rua.

AULA EXPOSITIVA - DIFERENTES TIPOS E POSSIBILIDADES DE CAMINHAR

O homem caminha tanto pela zona rural quanto pela zona urbana, como também são variados os tipos e possibilidades para caminhar. Nessa aula trilhei com os alunos, por meio de slides, alguns tipos e possibilidades de caminhar partindo da natureza, as ações artísticas e ao ato político, retomando principalmente a aula sobre a História e os Andarilhos.

Durante a aula expus trechos de pessoas andando em parques, pelo centro da cidade, em manifestações artísticas, em passeatas, entre elas a dos Cem Mil, Marcha do Sal e procissões. Trouxe também, imagens do Bando Anunciador (figura 3) e da procissão da Festa de Nossa Senhora Sant'Ana - ampliando o motivo para o simples ato de andar.



Figura 3: Bando Anunciador. (Foto do Jornal Noite e Dia, 2019).

Os alunos conseguiram compreender o outro lado do caminhar, do ato de andar e sua importância para a mente e o corpo da necessidade de termos esse tempo para andar contemplando e verificando como se encontra o local em que vivemos.

OFICINA - NOÇÕES BÁSICAS DE FOTOGRAFIA E FILMAGEM COM O USO DO CELULAR

A aula começou com muita euforia por parte dos alunos devido ao uso do celular em sala. Solicitei aos mesmos que sentassem em roda e passei algumas fotografias numeradas para que observassem as imagens em relação aos planos na fotografia: Plano Geral (evidencia o sujeito no espaço, é o “todo” da imagem), Plano Americano (refere-se ao enquadramento da cintura até a cabeça), Plano Médio (enquadramento dos pés e a cabeça), Plano Close ou Plano detalhe (partes, pequenos detalhes, foco) e anotassem qual plano era referente cada fotografia anotado no caderno. Os planos fotográficos estão relacionados ao distanciamento entre a câmera e o objeto.

E assim, as imagens foram passadas de aluno por aluno. Na sequência pedi que se organizassem em dupla e saímos para o pátio da escola. As fotografias mostradas no apêndice foram tiradas no pátio da escola, registro de flores e as pessoas que estavam no momento. Retomei as fotografias fui explicando cada plano. Continuando, perguntei aos alunos sobre a experiência deles com a fotografia e também com a gravação de vídeos, principalmente em relação ao *vlog*¹⁶, o *vlogger*¹⁷ ou *vlogueiro*¹⁸, fizeram um vídeo sobre o assunto que desejavam, no qual os mesmos filmaram e apareceram na imagem, contando sobre a temática escolhida, trazendo o seu cotidiano e assuntos que lhes chamaram atenção ou habilidades específicas.

A ideia era exatamente fazer com que os alunos pudessem aprender utilizando instrumentos variados e incluir a tecnologia como aliada na aquisição desse novo saber. Instrumentalizados e motivados a buscar mais sobre a fotografia e a criação de vídeos, experienciaram e os resultados foram satisfatórios, pois os alunos ficaram totalmente envolvidos. Ao final da aula, compartilhei com eles sobre as saídas pedagógicas que iremos fazer e que eles iriam utilizar exatamente a fotografia e elaboração de vídeos para registrar cada momento, no City Tour¹⁹ por nossa cidade, na caminhada da Lagoa e no andar pelo entorno do bairro.

¹⁶ É um blog em que se predominam os vídeos como meio de transmissão de conteúdo.

¹⁷ Um blog composto por vídeos.

¹⁸ É um indivíduo que publica vídeos em blog.

¹⁹ Tradução pelo autor: Passeio pela cidade

LEITURA DE IMAGEM – FEIRA DAS FEIRAS

Nesse encontro, os alunos foram organizados em duplas para a atividade de leitura de imagem. Entreguei a cada dupla uma foto das feiras antigas e atuais da nossa cidade. A partir daí, observaram as imagens e responderam alguns questionamentos: O que você está vendo nesta imagem? Quais as cores presentes na imagem? Como o fotógrafo organizou a imagem retratada, no centro, nas extremidades, de maneira espontânea? Qual o plano fotográfico utilizado? Para finalizar, pedi que criassesem um título para a fotografia.

Todas as duplas fizeram a leitura de imagem, responderam aos questionamentos entregues e compartilharam suas respostas. Eles puderam ampliar a ideia de leitura de imagem e das possibilidades existentes diante do observar de uma pessoa para outra.

REGRAS E MAPAS PARA CAMINHAR

A proposta dessa aula foi pensar nas saídas pedagógicas, porém de forma um pouco diferente. Pensar no trajeto a percorrer, na escolha de regras para caminhar, na elaboração de mapas do caminho desejado ou não, um olhar novo, uma ampliação do simples fato de deslocar-se, de andar, andarilhar.

Comecei solicitando um mapa afetivo, como apresentado nas figuras 4 e 5, nos quais, cada aluno teve que colocar no papel, em formato de mapa, um percurso afetivo por lugares da nossa cidade, tendo como ponto de partida suas casas. A insegurança, o não saber localizar-se, e também escolher um lugar específico de Feira de Santana deixou nítida a falta de conhecimento dos lugares, da experiência-vivência em caminhar pela cidade. Foi unânime, também, a escolha do shopping. Retomei a explicação em relação aos lugares, o lugar afetivo dos lugares e espaços, e lancei uma outra pergunta: Se você estivesse em um outro país e alguém lhe perguntasse sobre um lugar que representasse o *lugar* onde nasceu, qual seria? A partir daí apareceram outros espaços, e a compreensão do que foi solicitado melhorou.

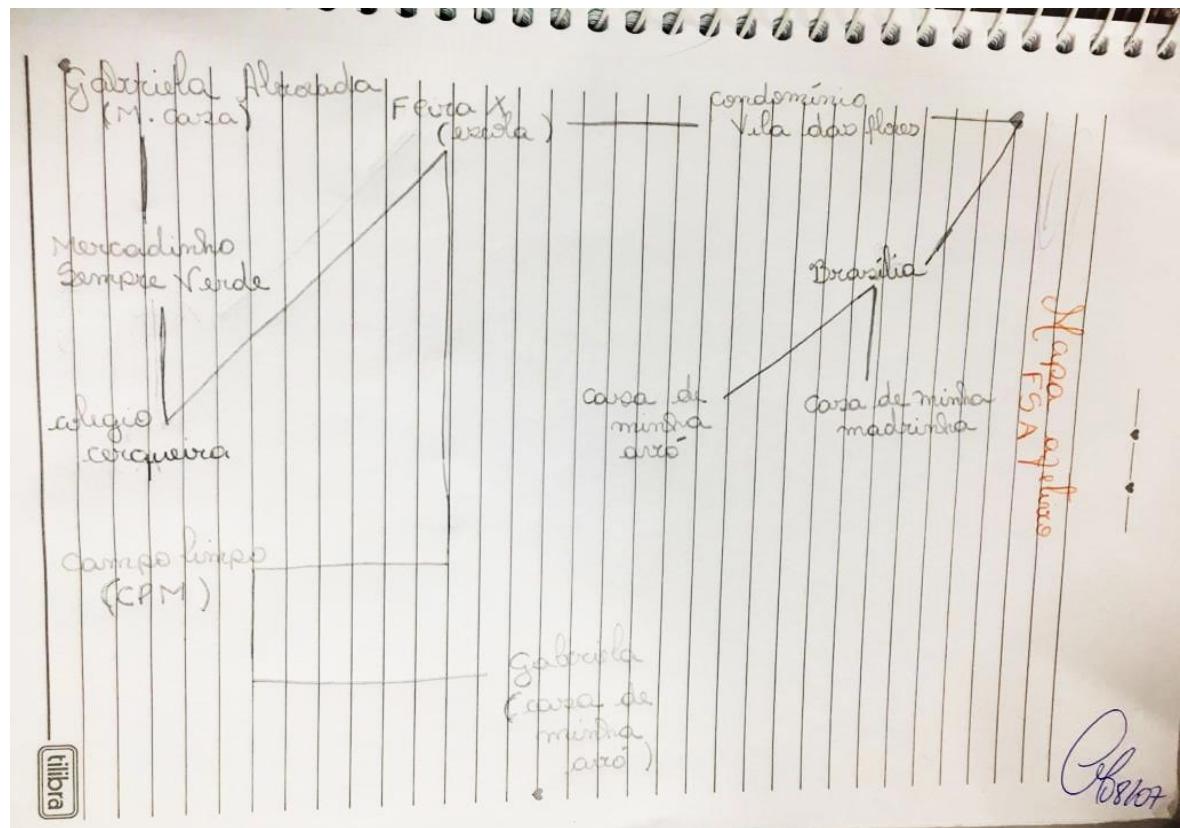


Figura 4: Mapa afetivo. (Foto da autora, 2019).

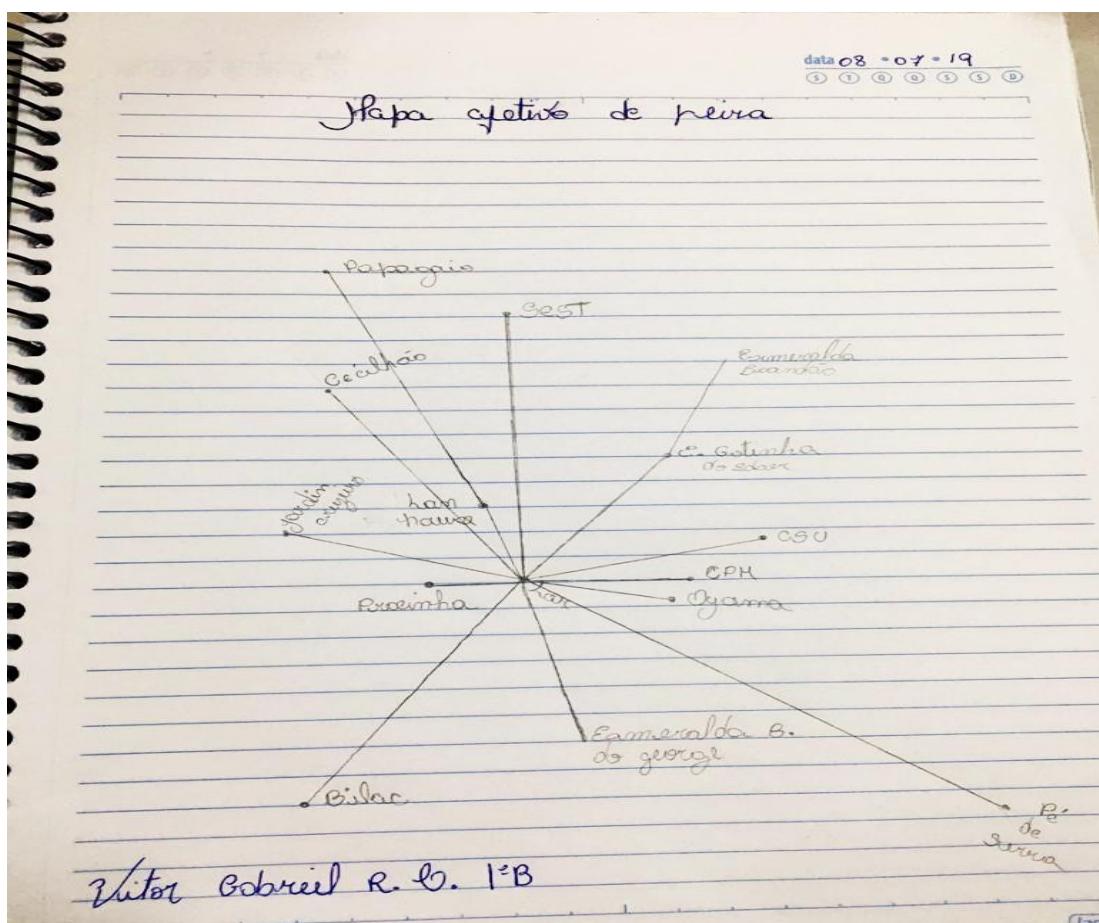


Figura 5: Mapa afetivo 2. (Foto da autora, 2019).

Compartilhamos e retomei situando os lugares e roteiro das três saídas pedagógicas: City Tour por Feira de Santana, saindo do CPM no ônibus em direção ao Casarão Olhos D'água - local onde surgiu a cidade, onde praticamente hoje é o centro da cidade. Passamos pelo Feiraguay até chegar á Igreja Matriz, padroeira Nossa Senhora Sant'Ana; em seguida, Centro Universitário de Cultura e Arte - CUCA, passando pelo prédio da Filarmônica 25 de março, ao abrigo Predileto, Mercado de Arte, Paço Municipal, Igreja Senhor dos Passos até chegar ao relógio do Rotary, que é o marco zero da cidade, situando as rotas norte, sul, leste e oeste, e finalizando nosso Tour no Centro de Abastecimento; Caminhada pelo Parque da Lagoa; e Andarilhar pelo entorno da escola.

Dividi a sala em três grupos. O grupo um montou, em folha de papel metro, o roteiro através de fotos dos lugares que vistamos e o percurso do City Tour. O segundo grupo organizou a caminhada livre e direcionada, além do piquenique na Lagoa, e o terceiro grupo criou regras do “andarilhar” no entorno da escola; ou seja, regras como: andar de mãos dadas por dois minutos, andar de costas por um minuto, andar abaixado e levantado por um minuto e assim por diante. Eles tiveram vinte minutos para esboçar e trazer as ideias e cinco minutos para socializar. Combinamos para retomarem o solicitado por grupo no começo de cada saída, situando, assim, os colegas na proposta do dia.

O CAMINHAR

VISITA - EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA COLETIVA – 186 ANOS DA PRINCESA DO SERTÃO - 1833-2019

Como apresentado na figura 6, os alunos foram ao Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira - MAC na cidade de Feira de Santana participar do Panorama 2019 – Mostra de Fotografias, que ocorreu no período de 22 de agosto a 23 de setembro, na qual, foi destinada uma sala especial para os fotógrafos feirenses Angelo Pinto, Antônio Vieira, Mayana Izabel, Nicolau Almeida e Orisvaldo Almeida que, com imagens em grandes formatos, destacaram a beleza de Feira de Santana através do olhar de cada um dos artistas; eles palestraram, conduzidos por suas obras, sobre as mudanças que revolucionaram a cultura, através das imagens que retrataram a história da humanidade e as suas transformações no decorrer dos séculos, por meio da grande invenção que foi a fotografia. E nesse ponto, eles foram envolvidos pela descoberta, e se depararam com o valor da memória, da arte e da cultura local e identificaram os seus patrimônios, espaços e figuras ilustres da região. Além disso, os alunos conheceram as manifestações e festas populares da cidade por meio de fotos, quadros e cordéis, nos quais eles puderam traçar comparações entre as permanências e perdas culturais ao longo do tempo, na cidade,



Figura 6: Expedição ao MAC. (Foto da autora, 2019).

Os alunos prestigiaram a Exposição Fotográfica Coletiva – 186 anos da Princesa do Sertão - 1833-2019, no dia 23 de setembro em saída pedagógica/expedição ao MAC e puderam contemplá-la, através das fotografias que traziam, a uma sequência histórica e artística da cidade de Feira de Santana, envolvendo personalidades da região, misturadas a um arquivo com imagens de lugares, espaços, momentos importantes da nossa história desde 1833 até 2019 - desencadeando no alunado uma sensação de “Onde era esse lugar?”, “Por que mudou e não preservou?”: Foi um momento ímpar de querer conhecer um passado que o presente não preservou.

Finalizamos nossa vivência no museu, compartilhando o olhar de cada um a partir da imagem que mais chamou a atenção. As indagações sobre a necessidade de preservar foram pontuais; o sentimento de emoção e também de certa forma tristeza, em não poder ver tantos lugares, espaços, devido a sua destruição, foi notório na fala dos alunos.

PRÁTICA ARTÍSTICAS

Tour pelo local de origem e o centro da cidade de Feira de Santana.

No dia 06 de novembro às 14h, com 22 alunos do 1º ano, saímos do CPM, de ônibus, em direção ao primeiro local do City Tour por Feira de Santana. O grupo responsável pela organização do roteiro foi situando e trazendo curiosidades de cada espaço demarcado. Devido ao grande fluxo de veículos, pessoas no centro da cidade, ficou combinado a parada apenas no Casarão Olhos D’água e no Centro de Abastecimento; todo o restante do percurso foi realizado dentro do ônibus.

O primeiro local que paramos, como mostra a figura 9, foi o Casarão Olhos D’água (habitação erguida em Feira de Santana pelos fundadores da cidade, o casal Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandoa) onde compararamos a estrutura atual com imagens históricas do Jornal Noite e Dia das figuras 7 e 8. O casarão é um patrimônio histórico e cultural do município, construído por volta de 1700, na fazenda Olhos d’Água).



Figura 7: Casarão Olhos D'Água. (Foto do Jornal Noite e Dia, 2019).



Figura 8: Casarão Olhos D'Água restaurado. (Foto do Jornal Noite e Dia, 2019).



Figura 9: Alunos no Casarão Olhos D'Água. (Foto da autora, 2019).

Passamos pelo Feiraguay, até chegar à Igreja Matriz (que fica na antiga Praça da Matriz e abriga parte importante dos festejos, inclusive a novena que antecede a festa). No dia 26 de julho os católicos feirenses celebram o dia consagrado a Senhora Santana. Em seguida passamos pelo Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA, (edifício construído no início do século XX, mantido pela

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS,), continuamos pelo prédio da Sociedade Filarmônica 25 de Março (1868, ano em que a Filarmônica foi provavelmente fundada e hoje encontra-se abandonada).

Seguindo, entramos em uma das principais avenidas da cidade - a Avenida Getúlio Vargas. Observamos o Abrigo Predileto (um dos locais mais tradicionais de Feira de Santana, cuja história se confunde com a história da cidade - a lanchonete Predileto localiza-se no coração de Feira e já serve três gerações de feirenses). Ainda na mesma direção do Abrigo, o Mercado de Arte (construído no início do século XX); mais à frente, o Paço Municipal (o atual prédio da Prefeitura) e ao lado, a Igreja Senhor dos Passos até chegar ao relógio do Rotary, que é o marco zero da cidade. Finalizamos nosso Tour no Centro de Abastecimento. O Centro de Abastecimento foi inaugurado no dia 7 de novembro de 1976. O Centro de Abastecimento de Feira – CAF foi criado com o objetivo de reunir as feiras da cidade num único local e também para abastecer distritos e cidades vizinhas. Uma vez que apresentei o CAF aos alunos, encerramos a visita com uma caminhada até o monumento da Praça do Vaqueiro, onde expliquei a respeito da simbologia do mesmo e a sua importância para a cultura local.

No retorno à escola, muitos alunos falaram que estavam impressionados com as informações passadas pelos colegas, pela localização dos lugares que eles passavam em frente, mas não tinham notado a importância da história e cultura de cada prédio ou espaço visitado. O que me chamou mais atenção foi a reação deles com o Casarão: a estranheza do local e o confrontar a história e o lugar. Apenas dois alunos já tinham ido ao local. Os alunos registraram, por fotografias, os dois lugares que paramos e também os lugares, que apenas passamos em frente.

Na caminhada pelo Parque da Lagoa, realizada no dia 10 de novembro, foi marcada a caminhada pelo Parque da Lagoa; mas, infelizmente, poucos foram os alunos que tiveram participação devido à impossibilidade da família em levá-los, pois, nessa visita técnica, foi solicitado às famílias levarem e buscarem seus filhos; por isso a pouca adesão. Nossa caminhada começou cedo, e aproveitamos a manhã. O mapa apresentado na figura 10, com a trajetória que percorremos foi elaborado com base no roteiro da caminhada realizada a partir das regras elaboradas pelos colegas da turma em sala de aula. Os alunos presentes puderam experimentar uma caminhada diferente na Lagoa do Geladinho, onde foi inaugurado em 2009 o Parque da Lagoa Radialista Erivaldo Cerqueira, às margens da Avenida

José Falcão. O Parque possui uma pista de cooper, estacionamento, quiosques e equipamentos para atividade física. Para registrar esse momento, além das fotos e vídeos, utilizamos o STRAVA²⁰ que mapeou a caminhada.



Figura 10: Mapa do percurso dos alunos. (Foto da autora, 2019).

A risada e a descontração foram marcantes entre eles como apresentado nas figuras 11 e 12. Dentre as regras escolhidas para esse percurso tinham: caminhar em dupla dando um passo largo e dois curtos por dois minutos; revezar com o colega e andar de costas por um minuto; andar subindo e descendo, andar de lado, andar batendo palmas e pés. Ao darmos a volta completa pelo parque o aplicativo de caminhada e corrida, o STRAVA desenhou o percurso e os alunos puderam observar o trajeto desenvolvido e detalhes antes não percebidos, além de experimentar o caminhar seguindo regras. A área do parque representou a folha de papel e os alunos, o lápis.

²⁰ Aplicativo para monitorar atividades físicas de caminhada, corrida e ciclismo.



Figura 11: Caminhada no Parque da Lagoa. (Foto da autora, 2019).

Ao chegar à reta final, fizemos um piquenique representado na figura 9, com muito bolo, mistos, biscoitos, sucos... trocas de sensações e sentimentos que envolveram a caminhada.



Figura 12: Piquenique no Parque da Lagoa. (Foto da autora, 2019).

ANDARILHAR PELO BAIRRO

Bem cedinho, no dia 12 de novembro, toda a turma partiu para uma ação artística que consistiu em andar no entorno do colégio, situado no bairro Campo Limpo. Seguindo um conjunto de regras que variaram desde caminhar em duplas a dar as mãos: andar por um minuto de mãos dadas; dois minutos revezando com o

colega de costas; escolha com a moeda para atravessar a calçada; fila india na abaixando e subindo; andar de lado; dois passos curtos e um longo; andar em quarteto; andar em dupla trocando de lugar com o colega; andar dançando.

Primeiramente andaram em duplas, de braços dados por 1 minuto como mostra a figura 13; depois pararam, observaram as construções a sua volta, as pessoas, a situação da rua e da calçada. Seguiram por mais dois minutos, revezando com o colega, andando de costas. Os olhares e a satisfação por essa experiência foi notoriamente percebida. Pedi atenção dos alunos para resolvemos se íamos ou não mudar de calçada. Então, chamei um dos alunos para tirar cara ou coroa, sendo que cara para continuar na mesma calçada ou coroa para mudar. Joguei a moeda e saiu cara e permanecemos na mesma calçada. O percurso agora foi seguido em fila india andando, abaixando e subindo por dois minutos.



Figura 13: Ação artística no entorno do CPM. (Foto da autora, 2019).

Paramos novamente para observar o entorno, solicitei que tirassem fotos e quem quisesse poderia fazer uma filmagem como *vlogueiro* contando a sua experiência até ali. Ficamos em média 5 minutos. Continuamos em fila agora andando de lado por alguns minutos; depois com dois passos e um longo por cerca

de dois minutos. Continuando agora por três minutos andando em quarteto, depois em dupla e chegamos à última regra de andar dançando até o colégio.

Ao chegarmos em sala, sentamos em círculo para ouvir as sensações e sentimentos da caminhada. A maioria ficou impressionada por esse novo olhar em relação ao entorno do colégio, pois observaram e perceberam que é um bairro de construções térreas, de comércio variado e muito movimentado. Falaram das calçadas que precisavam estar em melhores condições para os pedestres.

ORGANIZAÇÃO E ELABORAÇÃO DE UMA INSTALAÇÃO TRAZENDO A IMPORTÂNCIA DE PRESERVAR A HISTÓRIA, ARTE E CULTURA FEIRENSE

Nesta aula, os alunos foram conduzidos a pensar e compreender a montagem de uma instalação (construção de um ambiente), além de montar uma exposição fotográfica mostrando todo o processo do projeto: desde aulas em sala de aula às visitas campo. Tendo como ideia central a necessidade e importância de preservar a história, arte e cultura de Feira de Santana, retomamos aos questionamentos iniciais: Como preservar a história, as manifestações culturais, a arte, a memória de uma cidade? Como fazer com que seus filhos, ou mesmo moradores, conheçam e preservem sua história? Quais as atitudes poderão ser tomadas por cada um de nós para que a história de Feira de Santana, a nossa própria história, não seja demolida junto a sua arquitetura?

E, assim, os alunos foram divididos em dois grupos, sendo um para esboçar, descrever e selecionar os materiais necessários para a instalação e o outro grupo recolher e selecionar as fotos e vídeos dos colegas para exposição fotográfica. Os grupos tiveram trinta minutos para organizar e socializar toda a exposição. Faltando dez minutos para finalizar a aula, sentamos em roda e eles foram relatando o que foi resolvido em grupo. Para a instalação, escolheram fazer uma plotagem do mapa da cidade, situando o entroncamento rodoviário e também um informativo de comemoração dos 186 anos em folha de A3. Para anexar e fazer um caminho interligando a história (homenagem) e o mapa, foi utilizado barbante de sisal remetendo à forma de amarração das antigas feiras. Em relação à exposição fotográfica, os alunos separam as atividades desenvolvidas em sala e das saídas pedagógicas: City Tour pela Princesa do Sertão; caminhada pelo Parque da Lagoa e

o andar pelo entorno do CPM. Em toda a produção e montagem, utilizou-se papel Kraft, sisal, pegadores e fita adesiva.

A TRILHA

MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

Dia 25 de novembro de 2019, começaram as avaliações finais do ano letivo e combinei com os alunos que, ao final da mesma, iríamos organizar a exposição. Aos poucos foram chegando e começaram separando e sequenciando as fotos de cada etapa do projeto, desde as atividades em sala a saídas pedagógicas. Escolheram um lugar no pátio da escola que possibilitasse prender o varal de sisal e foram montando o espaço onde ficou a exposição de fotos com todo o processo do projeto. Fiz a impressão das fotos em papel fotográfico, tamanho 20x30cm² e os alunos utilizaram o barbante de sisal para pendurar as fotos como em um varal de roupa, com pegadores.

Na montagem da instalação, primeiramente, fixaram a plotagem que encomendei do mapa da cidade de Feira de Santana tamanho 1,5x1,5m², próximo a exposição fotográfica. Em seguida, da mesma maneira que foram penduradas as fotografias, foram penduradas as fotos de toda a história da cidade, que foram impressas em folha de A3, material elaborado pelo Jornal NoiteDia e colocado o banner mostrando o percurso registrado com o aplicativo do STRAVA no andar pelo Parque da Lagoa.

APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

A exposição “Andarilhos da Cultura: o caminho da história e cultura da Princesa do Sertão” foi realizada entre os dias 26 a 28 de novembro na área do pátio do Colégio da Policia Militar Diva Portela – CPM, como apresentado nas figuras 14 e 15. Nessa exposição, toda a comunidade escolar foi convidada e a visitação foi satisfatória para os alunos, como apresentado nos questionamentos.



Figura 14: Exposição CPM. (Foto da autora, 2019).

Os alunos que participaram do projeto estavam sempre presentes no turno da manhã e como foi na semana final de avaliações, ao terminarem as mesmas, iam para o local onde foi montada a exposição, e os colegas do 9º ano e as outras turmas do 1º ano prestigiaram e interagiram. Muitos alunos visitantes, ao observarem o mapa plotado no chão, procuravam seus bairros, sua localização. A história de Feira, no varal, também chamou atenção e o interesse de contemplar e ler as informações sobre a cidade foi favorável.



Figura 15: Apreciação fotográfica. (Foto da autora, 2019).

ANEXO**CRONOGRAMA DAS AULAS DO PROJETO**

1º aula – Apresentação – Documentário “Memória videográfica de Feira de Santana” - 05/08/2019

2º e 3º aulas – História de Feira de Santana - 12/08/2019 e 19/08/2019

4º aula – Evolução do bipedalismo - 26/08/2019

5º aula – Histórias de Andarilhos - 16/09/2019

6º aula – EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA COLETIVA – 186 ANOS DA

PRINCESA - 1833-2019 - 23/09/2019

7º aula – Diferentes tipos e possibilidades de caminhar - 30/09/2019

8º aula – Oficina - Noções básicas de fotografia e filmagem com o uso do celular. - 07/10/2019

9º aula – Leitura de imagem – Feira das feiras – 21/10/2019

10º aula – Regras e mapas para caminhar - 04/11/2019

11º aula – City Tour pelo local de origem e o centro da cidade de Feira de Santana. - 06/11/2019

12º aula – Caminhada pelo Parque da Lagoa - 10/11/2019

13º aula – Caminhada pelo bairro - 11/11/2019

14º aula – Organização e elaboração de uma instalação trazendo a importância de preservar a história, arte e cultura feirense - 18/11/2019 15º aula – Montagem da exposição - 25/11/2019